

# **RADAR 1 - RESIDÊNCIA ARTÍSTICA E PERFORMANCE EM CONVÍVIO NO CASARÃO DO NAC**

Líria de Araújo Morais  
Amanda de Souza Jerônimo  
Carla Cíntia Dutra Monteiro da Silva  
Inardson Luiz dos Santos Nascimento  
Jéssica Jesse Félix Severo  
Lucas Pereira Gomes  
Mikaelle da Costa e Silva  
Vandir Aparecido Souto

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

contato.radar1@gmail.com

O coletivo que está por vir

## **RESUMO**

Compartilhamento de experiência dos integrantes da linha de pesquisa Radar 1 - Grupo de Improvisação em Dança durante a residência artística, realizada entre os meses de maio e setembro de 2019, no casarão do NAC – Núcleo de Arte Contemporânea – da UFPB. O NAC está localizado no centro da cidade, em meio a casarões em ruínas, lojas, feiras e moradores de rua. Por meio de visitas continuadas de modo coletivo com ações cotidianas em convívio, laboratórios ancorados na relação do corpo com o espaço para criar a partir da improvisação em dança, bem como a prática de caminhadas pelas ruas do entorno, nasce a performance, criada coletivamente, *Vendo os ventos para mostrar a pele*. O grupo vivenciou uma ideia de “moradia” em estado de criação em dança, dialogando com a cidade nesse local específico. Essa situação provocou um tipo de conhecimento da prática como pesquisa entre os participantes que perpassa entre o ambiente dos espaços da rua, aspectos de si mesmo em convívio num casarão antigo e uma nova criação artística que emerge desse encontro.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Improvisação em Dança, Residência Artística, Processo de criação em convívio.

## INTRODUÇÃO

Esse texto se trata de um conjunto de reflexões levantadas de modo coletivo pelos membros do grupo Radar 1, durante a experiência de residir artisticamente no casarão do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da UFPB entre os meses de maio e setembro de 2019. Submersos num convívio para compreender e perceber o lugar e seu entorno, deparamo-nos com questões sociais e históricas do casarão que aos poucos, no decorrer do processo criativo, passaram a fazer parte da composição coletiva realizada como apresentação final aberta ao público no mesmo casarão. Enquanto linha de pesquisa, o grupo se entretém no procedimento da prática como pesquisa no contínuo exercício de imbricar teoria e prática, entre ensaios, leituras e reflexões acerca da improvisação e composição em dança, os aspectos físicos e sociais do espaço da rua e da cidade implicados nos modos de fazer artístico.

O Radar 1 - Grupo de Improvisação em Dança se trata de uma linha de pesquisa<sup>1</sup> vinculado ao grupo Estudos da Desterritorialização da Performance - UFPB, desde 2016. Os encontros sempre ocorrem em outro local fora do espaço físico do Departamento de Artes Cênicas, provocando outros modos de estar junto aos lugares da cidade. Se trata de encontros semanais e a cada período tem se apropriado de lugares com naturezas diferentes. A cada encontro, pratica-se ignições para a improvisação de movimentos, de modo relacional, sejam eles engajados numa afinação coletiva, na conectividade (MORAIS, 2010) ou em relação a aspectos do espaço em que o grupo se encontra numa lógica de leitura do lugar via corpomapa (MORAIS, 2015). A conectividade se dá de modos distintos entre

---

<sup>1</sup> O grupo foi criado para a pesquisa de mestrado da professora Líria de Araújo Morais em Salvador-BA em 2009. Porém, em João Pessoa passa a se configurar como um ambiente de investigação permanente entre estudantes, interessados e outros artistas, enquanto linha de pesquisa da UFPB.

peessoas quando improvisam de maneira que elas podem partilhar suas propriedades criativas, seja no âmbito mais visível da forma e qualidade do movimento até composições mais complexas em tomadas de decisão e acabamentos compositivos da cena. O corpomapa é um modo de leitura de um determinado lugar que promove um aguçamento da atenção para o encontro de aspectos sensoriais de um sujeito com a percepção de aspectos físicos e sociais de um lugar, que podem se configurar numa composição situada. A ideia de lugar está ancorada na compreensão de lugar praticado segundo Michel de Certeau (1990) e ajuda a identificar os percursos e ações das pessoas de um determinado espaço, já a prática da deriva está pautada no entendimento do que o autor Francesco Careri (2013) nos explica, sobre o histórico de caminhadas errantes realizadas por artistas engajados na percepção de uma outra configuração de cidade que se dá na experiência de estar em novos caminhos sem definições de rumos prévios, como modo de reconhecimento das ruas da cidade. Dentre esses conceitos, e outros que se conectam numa rede de compreensão dessas práticas, emergem performances criadas em naturezas distintas, sejam elas experimentos para estudo do corpo, intervenções urbanas ou configurações performativas que partem da relação com o lugar.

Residências artísticas podem ser modos de provocar encontros e compartilhamento de formas de pensar, de criar, de estar junto e fazer arte em coletivo. A prática como pesquisa pode ser potencializada via o encontro continuado, criando espaços para um “não saber” prévio que se sofisticava na medida em que se propõe a ler o presente, praticando, improvisando. A pesquisadora Ciane Fernandes (2014) apresenta a sua abordagem somático performativa de modo que

o sujeito aprende pela experiência do soma<sup>2</sup> a compreender o que se processa no ato de conhecer a própria pesquisa. Desse modo, olhar a pesquisa via uma experiência prática torna pensar, escrever, dançar, criar como atos imbricados sem separações. Há um aprendizado no ato de ouvir o próprio soma em processo de transformação e conhecimento enquanto se dá a prática que por sua vez, se modifica na medida em que o sujeito reconhece a própria mudança. Há possibilidade então da criação de protocolos próprios, no reconhecimento de uma experiência coletiva singular. Em maio de 2019, o Radar 1 começa a funcionar de forma mais aprofundada em convívio, no Casarão do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB, aumentando a quantidade semanal de encontros, além de propor modos de estar, como comer e dormir junto até o período de setembro.

### **SOBRE O CASARÃO DO NAC<sup>3</sup>**

Em meio a um setor histórico, um dos primeiros acessos de expansão do Centro para a região Oeste da cidade de João Pessoa, a Rua das Trincheiras tem aproximadamente 1 km de extensão e abriga inúmeros casarões tombados ou salvaguardados pelas entidades do Patrimônio Cultural. As dimensões desses casarões mostram a importância que tiveram durante determinado período da história, mas hoje, estão, em sua maioria, em ruínas e abandonados. Estes casarões abandonados são visados pela população periférica, de baixa renda, como forma de ocupação, sobrevivendo e lutando pelo direito à moradia. Há essa tensão sempre presente entre entidades governamentais e população, tendo em vista que várias desocupações já foram feitas, deixando a população desamparada, nas ruas,

---

<sup>2</sup> Soma - Termo criado por Thomaz Hanna como um modo de entender corpo de forma mais integrada, já que para teóricos somáticos, corpo se refere a um corpo sem vida, corpo é para se referir a um morto e soma se refere à vida, integrada.

<sup>3</sup> Atualmente está sob a coordenação de José Valdir dos Santos, também artista da cena paraibana.

em condições totalmente precárias. Muitos se apegam a própria rua para tentar trabalhar informalmente, com seus carrinhos de vendas ambulantes, muitas vezes vendendo bolos, cd's, salgados ou frutas. Também, parte dessa rua, por ser considerada região estratégica, foi um assentamento militar, incluindo o terreno do casarão do NAC. Posteriormente passaram para irmandades católicas e hoje, o NAC é vinculado a Universidade Federal da Paraíba. E, se tratando especificamente do casarão, ele abrigou inúmeros artistas no período da ditadura militar, sendo ocupação e resistência para essa classe, assim como a população pobre resiste e ocupa os demais casarões atualmente. Há uma publicação sobre artistas que já passaram por essa galeria organizado por Dyógenes Chaves Gomes (2004) com depoimentos sobre exposições e acontecimentos importantes que houveram nesse casarão. Em um processo de conhecer esse novo espaço com muitas camadas históricas e espaciais a serem descobertas, o grupo conviveu dentro e fora do NAC em muitas situações. Desde horários para laboratórios de movimentos para testar reverberações espaciais nos ambientes do casarão, até pernoites, preparações de almoços e jantares. E, aos poucos, o casarão e nossa presença começavam a se tornar um pouco mais íntimos.

## **DA CONVIVÊNCIA PARA A CENA**

Por se tratar de uma residência artística, nosso processo se dilatou em um curto período de tempo, onde muitas novidades emergiram dentro das pesquisas corporais. Nossa relação de grupo se ampliava e maturava a relação com as edificações e com as histórias do entorno, além da produção cênica que estava sempre em constante fervor. Todos esses fatores dispararam estados corporais distintos a partir do ser afetado por questões específicas do lugar.

O desejo de estar junto uns dos outros no NAC promoveu muitos momentos cotidianos que acabaram se repetindo: fazer pipoca, ouvir músicas na caixinha de som, limpar o chão, tocar coco no pandeiro, acender incensos, entre outros. Com um tempo, o processo criativo tomava as mesmas perspectivas da convivência, fazendo com que essas ações cotidianas virassem cena. Os sons da rua dentre ruídos de carros, ventos, gente falando em feira e até músicas tocadas em carrinhos de vendedores passam a fazer parte do repertório sonoro das apresentações. Essa sonoridade trançada com a história do lugar, com música feita de sons da rua (CARNEIRO, 2002), cria também em alguns aspectos uma evocação a músicas antigas, que fizeram parte também de uma cultura da jovem guarda musical em letras que contam o amor, os afetos de um modo escrachado e popular. Algumas qualidades de sons vão para uma gravação de caixinha de som e outras são produzidas e cantadas no tempo presente da cena.

Nossos laboratórios de improvisação eram feitos buscando refletir os aspectos físicos e espaciais existentes no casarão, em suas portas, paredes, no seu contato com a rua, na altura de seu pé direito, mas também, nos processos que atingem esta edificação e seu entorno imediato historicamente, socialmente, politicamente. A partir desse mergulho, passávamos a criar, cruzando com seus interesses artísticos individuais e coletivos, fazendo escolhas do que se configurava em performance. O autor André Lepecki (2006) discute, numa perspectiva crítica sobre a dança contemporânea e questiona em que chão interessa dançar. O autor traça planos de composição que podem estar presentes como ferramentas a partir de um entendimento coreográfico que pode ocorrer a partir da representação do espaço vazio numa folha de papel quadrada. Problematiza essa visão, esquematizando pontos de vista sobre o espaço, os acidentes do chão e a memória

que cada formato de espaço carrega em sua configuração. Concordando com esse pensamento, a escolha de escavar um chão frio e promover uma experiência de criação e contato com esse chão, passa a ser também um ato político. Após essa experiência de dormir em chão frio com medo, com calor, com escuridão, de frente para uma noite muito distinta daquela que quem tem ao menos um quarto para dormir, é possível pensar por exemplo, sobre vulnerabilidade a partir de uma experiência real, sem representar a realidade de quem passa por isso, de modo distante. Durante o processo, houveram, também, mostras públicas, que trouxeram uma firmeza para o processo criativo, ancorando cada vez mais nossas escolhas cênicas com a especificidade do lugar. O potencial desse mergulho trouxe aspectos leves e densos para a performance, o que reflete muito o processo histórico, político e social da Rua das Trincheiras e do próprio casarão do NAC, onde ocorre a apresentação.

A pesquisa enquanto uma reflexão que parte de uma experiência artística ainda requer uma compreensão maior, já que as demandas de uma produção artística fora da universidade se tornam também complexas em meio ao entendimento da pesquisa em coletivo. No entanto a experiência quando cria sentidos, deixa rastros em memórias que (de)forma uma determinada ideia prévia de como um convívio em criação pode ser traçado.

## REFERÊNCIAS

**CARERI**, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gili, 2013.

**CERTEAU**, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

**GOMES**, Dyógenes Chaves. (org.). Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba/NAC. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.

**FERNANDES**, Ciane. *A prática como pesquisa e a abordagem somático-performativa*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2014.

**LEPECKI**, André. Planos de composição. Resumo do autor de argumentações do livro *Exhausting dance: performance and politics of movement* (London/New York Loutledge, 2006).

**MORAIS**, Líria de Araújo. *Corpomapa: o dançarino e o lugar na composição situada*. Tese de doutorado. PPGAC - UFBA, 2015.

\_\_\_\_\_. *Emergências cênicas em dança: a conectividade entre dançarinos no momento cênico improvisado*. Dissertação de Mestrado. PPGDança, UFBA, 2010.

**SANTOS**, Fátima Carneiro dos. *Por uma escuta nômade, a música dos sons da rua*. São Paulo: EDUC, 2002.



ANEXO A - Folder eletrônico da apresentação artística (todas as imagens produzidas por Vandir Souto, Amanda Jerônimo e Carla Cíntia Dutra. Design e edição - Vandir Souto).

**Grupo de Improvisação em Dança**  
**RADAR 1**  
Apresenta

# Vendo os Ventos para Mostrar a Pele

## FICHA TÉCNICA

**SINOPSE:**  
Em meio à rua das trincheiras, vive o casarão do NAC... onde tantas coisas Já se passaram e se passam... as ruas ao seu redor atravessam os corpos de quem o visita... estamos vendo os ventos da rua na casa, entrando pelas Janelas e portas, rolando pelo chão com sua sonoridade urbana e seu passado tão presente... passa a rua, passa a roda, passa o vendedor, passa a moça da rua, entra, passa, sai, fica, venta e dança a pele de cada dia entre nós num encontro único em performance...

**DATAS:** 13, 14, 15, 27, 28 e 29 de Setembro 2019 as 17h

**LOCAL:** CASARÃO DO NAC - NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
RUA DAS TRINCHEIRAS 275 JOÃO PESSOA PB - ANEXO AO TEATRO LIMA PENANTE

**Coordenação:**  
Líria Morays

**Artistas criadores:**  
Amanda Jerônimo  
Carla Cíntia Dutra  
Dendê Félix  
Inardson Luiz  
Líria Morays  
Luk's Gomez  
Mika Costa  
Vandir Souto

**Colaboradores:**  
Candice Didonet  
Daniel Diniz

**Imagens:**  
Amanda Jerônimo  
Carla Cíntia Dutra  
Vandir Souto

**Design e Edição:**  
Vandir Souto

**APOIO**

**DAC**  
Artes Cênicas

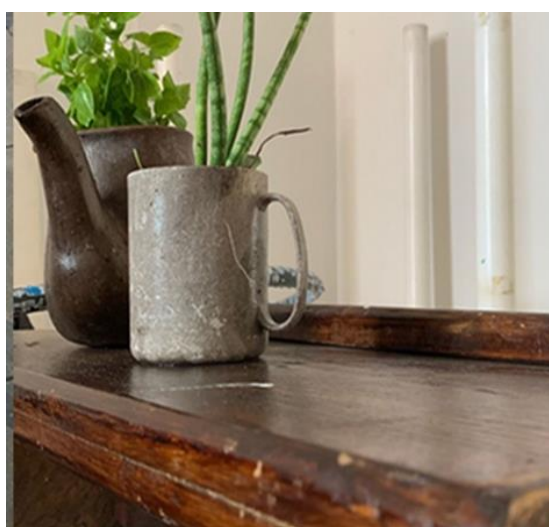
**LAPEFI**

**CCTA**  
Cidade de João Pessoa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

**NAC**

ANEXO B - Ações conjuntas em convívio no casarão entre dormir, cozinhar, realizar leituras e reflexões em conjunto.



ANEXO C - O CASARÃO DO NAC - parte externa da arquitetura junto a ruínas na mesma rua ao redor



## ANEXO D - Imagens do processo criativo



## ANEXO E - Imagens da apresentação

